



P.V.P. 5,95 €

preço único colecção BIS

I

HISTÓRIA DA CAROCHINHA

Era uma vez uma carochinha que andava a varrer a casa e achou cinco réis e foi logo ter com uma vizinha e perguntou-lhe: «Ó vizinha, que hei-de eu fazer a estes cinco réis?» Respondeu-lhe a vizinha: «Compra doces.» «Nada, nada, que é lambarice.» Foi ter com outra vizinha e ela disse-lhe o mesmo; depois foi ainda ter com outra que lhe disse: «Compra fitas, flores, braceletes e brincos e vai-te pôr à janela e diz:

Quem quer casar com a carochinha
Que é bonita e perfeitinha?»

Foi a carochinha comprar muitas fitas, rendas, flores, braceletes de ouro e brincos; enfeitou-se muito enfeitada e foi-se pôr à janela, dizendo:

«Quem quer casar com a carochinha
Que é bonita e perfeitinha?»

Passou um boi e disse: «Quero eu.» «Como é a tua fala?» «U, u...» «Nada, nada, não me serves que me acordas os meninos de noite.» Depois tomou outra vez a dizer:

«Quem quer casar com a carochinha
Que é bonita e perfeitinha?»

Passou um burro e disse: «Quero eu.» «Como é a tua fala?» «Em ó... em ó...» «Nada, nada, não me serves, que me acordas os meninos de noite.» Depois passou um porco e a carochinha disse-lhe: «Deixa-me ouvir a tua fala.» «On, on, on.» «Nada, nada, não me serves, que me acordas os meninos de noite.» Passou um cão e a carochinha disse-lhe: «Deixa-me ouvir a tua fala.» «Béu, béu.» «Nada, nada, não me serves, que me acordas os meninos de noite.» Passou um gato. «Como é a tua fala?» «Miauu, miauu.» Nada, nada, não me serves, que me acordas os meninos de noite.» Passou um ratinho e disse: «Quero eu.» «Como é a tua fala?» «Chi, chi, chi.» «Tu sim, tu sim; quero casar contigo», disse a carochinha. Então o ratinho casou com a carochinha e ficou-se chamando o João Ratão. Viveram alguns dias muito felizes, mas tendo chegado o domingo, a carochinha disse ao João Ratão que ficasse ele a tomar conta na panela que estava ao lume a cozer uns feijões para o jantar. O João Ratão foi para junto do lume e para ver se os feijões já estavam cozidos meteu a mão na panela e a mão ficou-lhe lá; meteu a outra; também lá ficou; meteu-lhe um pé; sucedeu-lhe o mesmo, e assim em seguida foi caindo todo na panela e cozeu-se com os feijões. Voltou a carochinha da missa e como não visse o João Ratão, procurou-o por todos os buracos e não o encontrou e disse para consigo: «Ele virá quando quiser e deixa-me ir comer os meus feijões.» Mas ao deitar os feijões no prato encontrou o João Ratão morto e cozido com eles. Então a carochinha começou a chorar em altos gritos e uma tripeça que ela tinha em casa perguntou-lhe:

Que tens, carochinha,
Que estás aí a chorar?
Morreu o João Ratão
E por isso estou a chorar.
E eu que sou tripeça
Ponho-me a dançar.

Diz dali uma porta:

Que tens tu, tripeça,
Que estás a dançar?
Morreu o João Ratão,
Carochinha está a chorar,
E eu que sou tripeça
Pus-me a dançar.
E eu que sou porta
Ponho-me a abrir e a fechar.

Diz dali uma trave:

Que tens tu, porta,
Que estás a abrir e a fechar?
Morreu o João Ratão,
Carochinha está a chorar,
A tripeça está a dançar,
E eu que sou porta
Pus-me a abrir e a fechar.
E eu que sou trave
Quebro-me.

Diz dali um pinheiro:

Que tens, trave,
Que te quebraste?
Morreu o João Ratão,
Carochinha está a chorar,
A tripeça está a dançar,
A porta a abrir e a fechar,
E eu quebrei-me.
E eu que sou pinheiro
Arranco-me.

Vieram os passarinhos para descansar no pinheiro e viram-no arrancado e disseram:

Que tens, pinheiro,
Que estás no chão?

Morreu o João Ratão,
Carochinha está a chorar,
A tripeça está a dançar,
A porta a abrir e a fechar,
A trave quebrou-se,
E eu arranquei-me.
E nós que somos passarinhos
Vamos tirar os nossos olhinhos.

Os passarinhos tiraram os olhinhos, e depois foram à fonte beber água. E diz-lhe a fonte:

Porque foi passarinhos,
Que tirastes os olhinhos?
Morreu o João Ratão,
A carochinha está a chorar,
A tripeça a dançar,
A porta a abrir e a fechar,
A trave quebrou-se,
O pinheiro arrancou-se,
E nós, passarinhos,
Tirámos os olhinhos.
E eu que sou fonte
Seco-me.

Vieram os meninos do rei com os seus cantarinhos para levarem água da fonte e acharam-na seca e disseram:

Que tens, fonte,
Que secaste?
Morreu o João Ratão,
A carochinha está a chorar,
A tripeça a dançar,
A porta a abrir e a fechar,
A trave quebrou-se,
O pinheiro arrancou-se,
Os passarinhos tiraram os olhinhos,
E eu sequei-me.
E nós quebramos os cantarinhos.

E foram os meninos para o palácio e a rainha perguntou-lhes:

Que tendes, meninos,
Que quebrastes os cantarinhos?
Morreu o João Ratão,
A carochinha está a chorar,
A tripeça a dançar,
A porta a abrir e a fechar,
A trave quebrou-se,
O pinheiro arrancou-se,
Os passarinhos tiraram os olhinhos,
A fonte secou-se,
E nós quebrámos os cantarinhos.
Pois eu que sou rainha
Andarei em fralda pela cozinha.

Diz dali o rei:

E eu vou arrastar o c...
Pelas brasas.

(Coimbra)

II

A FORMIGA E A NEVE

Uma formiga prendeu o pé na neve.

«Ó neve, tu és tão forte que o meu pé prendes!»

Responde a neve: «Tão forte sou eu que o Sol me derrete.»

«Ó Sol, tu és tão forte que derretes a neve que o meu pé prende!»

Responde o Sol: «Tão forte sou eu que a parede me impede.»

«Ó parede, tu és tão forte que impedes o Sol, que derrete a neve, que o meu pé prende!»

Responde a parede: «Tão forte sou eu que o rato me fura.»

«Ó rato, tu és tão forte que furas a parede que impede o Sol, que derrete a neve, que o meu pé prende!»

Responde o rato: «Tão forte sou eu que o gato me come.»

«Ó gato, tu és tão forte que comes o rato que fura a parede, que impede o Sol, que derrete a neve que o meu pé prende!»

Responde o gato: «Tão forte sou eu que o cão me morde.»

«Ó cão, tu és tão forte que mordes o gato, que come o rato, que fura a parede, que impede o Sol, que derrete a neve que o meu pé prende!»

Responde o cão: «Tão forte sou eu que o pau me bate.»

«Ó pau, tu és tão forte que bates no cão, que morde o gato, que come o rato, que fura a parede, que impede o Sol, que derrete a neve que o meu pé prende!»

Responde o pau: «Tão forte sou eu que o lume me queima.»

«Ó lume, tu és tão forte que queimas o pau, que bate no cão, que morde o gato, que come o rato, que fura a parede, que impede o Sol, que derrete a neve que o meu pé prende!»

Responde o lume: «Tão forte sou eu que a água me apaga.»

«Ó água, tu és tão forte que apagas o lume, que queima o pau, que bate no cão, que morde o gato, que come o rato, que fura a parede, que impede o Sol, que derrete a neve que o meu pé prende!»

Responde a água: «Tão forte sou eu que o boi me bebe.»

«Ó boi, tu és tão forte que bebes a água, que apaga o lume, que queima o pau, que bate no cão, que morde o gato, que come o rato, que fura a parede, que impede o Sol, que derrete a neve que o meu pé prende!»

Responde o boi: «Tão forte sou eu que o carniceiro me mata.»

«Ó carniceiro, tu és tão forte que matas o boi, que bebe a água, que apaga o lume, que queima o pau, que bate no cão, que morde o gato, que come o rato, que fura a parede, que impede o Sol, que derrete a neve que o meu pé prende!»

Responde o carniceiro: «Tão forte sou eu que a morte me leva.»

(Coimbra)

III

O COELHINHO BRANCO

Era uma vez
Um coelhinho
Que foi à sua horta
Buscar couves
Pra fazer um caldinho.

Quando o coelhinho branco voltou para casa depois de vir da horta, chegou à porta e achou-a fechada por dentro; bateu e perguntaram-lhe de dentro: – «Quem é?»
O coelhinho respondeu:

Sou eu, o coelhinho,
Que venho da horta
E vou fazer um caldinho.

Responderam-lhe de dentro:

E eu sou a cabra cabrês
Que te salto em cima
E te faço em três.

Foi-se o coelhinho por aí fora muito triste e encontrou um boi e disse-lhe:

Eu sou o coelhinho
Que tinha ido à horta
E ia para casa

Fazer o caldinho;
Mas quando lá cheguei
Encontrei a cabra cabrês
Que me salta em cima
E me faz em três.

Responde o boi: «Eu não vou lá que tenho medo.» Foi o coelhinho andando e encontrou um cão e disse-lhe:

Eu sou o coelhinho, *etc.*

Responde o cão: «Eu não vou lá que tenho medo.» Foi mais adiante o coelhinho e encontrou um galo, a quem disse também:

Eu sou o coelhinho, *etc.*

Responde o galo: «Eu não vou lá que tenho medo.» Foi-se o coelhinho muito mais triste, já sem esperanças de poder voltar para casa, quando encontrou uma formiga que lhe perguntou: «Que tens tu, coelhinho?»

Eu vinha da horta, *etc.*

Responde a formiga: «Eu vou lá e veremos como isso há-de ser.» Foram ambos e bateram à porta; diz-lhe a cabra cabrês lá de dentro:

Aqui ninguém entra
Está cá a cabra cabrês
Que lhes salta em cima
E os faz em três.

Responde a formiga:

Eu sou a formiga rabiga,
Que te tiro as tripas
E furo a barriga.

Dito isto, a formiga entrou pelo buraco da fechadura, matou a cabra cabrês, abriu a porta ao coelhinho, foram fazer o caldinho e ficaram vivendo juntos, o coelhinho branco e a formiga rabiga.

(Coimbra)

IV

A ROMÃZEIRA DO MACACO

Era uma vez um macaco que estava em cima de uma oliveira a comer uma romã; sucedeu que caiu um grão da romã para a terra em que estava a oliveira e, passado pouco tempo, nasceu uma romãzeira. Quando o macaco viu a romãzeira nascida, foi-se ter com o dono da oliveira e disse-lhe: «Arranca a tua oliveira para crescer a minha romãzeira.» Responde o homem: «Não estou para isso.» Foi-se o macaco ter com a justiça e disse-lhe: «Justiça, prende o homem para que arranque a oliveira, para crescer a minha romãzeira.» Responde a justiça: «Não estou para isso.» Foi-se o macaco ter com o rei e disse-lhe: «Rei, tira a vara à justiça, para ela prender o homem, para ele arrancar a oliveira, para crescer a minha romãzeira.» Responde o rei: «Não estou para isso.» Foi o macaco ter com a rainha: «Rainha, põe-te mal com o rei, para ele tirar a vara à justiça, *etc.*» Responde a rainha: «Não estou para isso.» Foi-se ter com o rato: «Rato, rói as fraldas à rainha, para ela se pôr de mal com o rei, *etc.*» Responde o rato: «Não estou para isso.» Foi-se ter com o gato: «Ó gato come o rato, para ele roer as fraldas à rainha, *etc.*» Responde o gato: «Não estou para isso.» Foi-se ter com o cão: «Ó cão, morde o gato, para ele comer o rato, *etc.*» Responde o cão: «Não estou para isso.» Foi ao pau e disse-lhe: «Pau, bate no cão, para o cão morder o gato, *etc.*» «Não estou para isso.» Foi ter com o lume: «Lume, queima o pau, para ele bater no cão, *etc.*» «Não estou para

isso.» Foi ter com a água: «Ó água, apaga o lume para ele queimar o pau, *etc.*» «Não estou para isso.» Foi ao boi: «Ó boi, bebe a água para ela apagar o lume, *etc.*» «Não estou para isso.» Foi ao carniceiro: «Carniceiro, mata o boi para ele beber a água, *etc.*» Não estou para isso.» Foi ter com a morte: «Ó morte, leva o carniceiro, para ele matar o boi, *etc.*» A morte ia para levar o carniceiro e ele disse-lhe: «Não me leves que eu mato o boi.» Disse o boi: «Não me mates que eu bebo a água.» Disse a água: «Não me bebas que eu apago o lume.» Disse o lume: «Não me apagues que eu queimo o pau.» Disse o pau: «Não me queimes que eu bato no cão.» Disse o cão: «Não me batas que eu mato o gato.» Disse o gato: «Não me mordas que eu como o rato.» Disse o rato: «Não me comas que eu roo as fraldas à rainha.» Disse a rainha: «Não me roas as fraldas que eu ponho-me de mal com o rei.» Disse o rei: «Não te ponhas mal comigo que eu tiro a vara à justiça.» Disse a justiça: «Rei, não me tires a vara que prendo o homem.» Disse o homem: «Justiça, não me prendas que eu arranco a oliveira.» E o homem arrancou a oliveira e o macaco ficou com a sua romãzeira.

(*Coimbra*)